

## *O Revisor*

Patrícia Mata  
Licenciada em Tradução pela ULHT

Paulo, o revisor, acordou sobressaltado e encontrou o comboio a andar por um local desconhecido.

O comboio deslocava-se a baixa velocidade. Demasiado baixa para aquele tipo de comboio. De repente o cheiro doce do campo começou a desaparecer. Nuvens escuras aproximavam-se e quando o comboio entrou por um túnel a paisagem campestre tinha desaparecido. Em vez disso um horizonte como Paulo nunca tinha visto estava no seu lugar. Um cenário mórbido, frio e triste. Parecia que nada podia ser feito para fazer algo viver, crescer naquele lugar. Nem num milhão de anos!

O revisor começou a ouvir vozes — vozes distantes que falavam alemão. Paulo procurou no comboio e não encontrou ninguém. Não havia passageiros, guarda-freio, ninguém. No entanto, o comboio continuava a andar. A certa altura, o comboio parou numa estação e Paulo reparou, com horror, nos oficiais alemães que estavam na estação. Eles não viram ou ouviram o comboio, eles não viram ou ouviram o revisor. Mas Paulo via-os e ouvia-os e embora não soubesse uma palavra de alemão, Paulo compreendia tudo aquilo que eles diziam.

O revisor viu um grupo de alemães irem para um carro e decidiu ir com eles. O carro deslocava-se a grande velocidade, enquanto os alemães falavam, riam e contavam anedotas. Paulo não gostava deles. Os seus uniformes, com a suástica no braço esquerdo, provavam que ele não o estava no meio dos melhores ou na melhor época da história da humanidade.

O carro parou. Foi só aí que Paulo compreendeu onde estava. A frase «Arbeit macht frei», o arame farpado e aqueles esqueletos a envergarem uniformes às riscas provava-lhe que ele estava no inferno.

Paulo andou pelo campo. Mais uma vez ninguém o via. Estava a caminhar perto de uma das «casas» quando ouviu alguém pedir ajuda. A rapariga estava a olhar para ele. Ela podia vê-lo! Ela podia ouvi-lo! Paulo apressou-se para ajudar. Levou-a para uma das camas dentro das casernas. Ninguém estava lá. A rapariga olhou-o com tal ternura que por magia tirou um fio de ouro com a Estrela de David. Paulo beijo-a na cara e segurou-lhe a mão.

Um oficial alemão apareceu. Ele agarrou na rapariga e arrastou-a para um grupo. Paulo seguiu-os, mas as bofetadas, os pontapés e os encontrões não atingiam o oficial. Parecia que as suas mãos atravessavam o corpo do alemão. O grupo foi forçado a entrar para um dos edifícios. Paulo parou em frente da porta e ficou petrificado. De repente, começou a ouvir os gritos mais horríveis que alguma vez ouvira (ou que alguma vez ouviria).

Paulo acordou sobressaltado. Cheirava-lhe a algo que nunca tinha cheirado antes – Eucaliptos. O comboio deslocava-se a alta velocidade. Que sonho! Pensou. Paulo decidiu fechar a janela quando notou a sua mão firmemente fechada. Abriu-a. Paulo ficou espantado: tinha na sua mão o fio de ouro com a Estrela de David!